

A relação simbiótica entre formação imaginária e *ethos* discursivo na análise do discurso

Thiago Barbosa Soares¹



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



<https://doi.org/10.32459/2447-8717e233>

Recebido: 12-06-2023 | **Aprovado:** 17-10-2025 | **Publicado:** 29-12-2025

Resumo: O objetivo deste artigo é tratar comparativamente as noções, pertencentes ao campo de atuação da Análise do discurso, de formação imaginária e *ethos* discursivo, sob a ótica da transformação interna de como certos princípios da linguagem são concebidos a ponto de alterar o funcionamento conceitual desses operadores analíticos e de como determinações históricas remodelam-nos. Para tanto, em função da organização arquitetônica deste artigo, tem-se a seção, Formação imaginária e *ethos* discursivo: uma discussão, que aborda, a partir de determinados instrumentais epistemológicos, as semelhanças e diferenças entre essas duas noções. Como resultado desta investigação, verificou-se que ambas destacam, segundo seus respectivos aportes epistêmicos, elementos integrantes do processo de construção discursivo relativamente próximos, como a projeção do sujeito no circuito virtual de comunicação, de modo que a distinção entre elas reside na ênfase dada, por cada uma, aos mecanismos constitutivos da manifestação dos integrantes do discurso.

Palavras-chave: Formação imaginária. *Ethos* discursivo. Análise do discurso.

Abstract: The purpose of this article is to comparatively treat the notions, belonging to the field of Discourse Analysis, of imaginary formation and discursive *ethos*, from the perspective of the internal transformation of how certain principles of language are conceived to the point of altering the conceptual functioning of these analytical operators and how historical determinations reshape them. Therefore, due to the architectural organization of this article, there is the section, Imaginary formation and discursive *ethos*: a discussion, which addresses, from certain epistemological instruments, the similarities and differences between these two notions. As a result of this investigation, it was verified that both stand out, according to their respective epistemic contributions, elements that are relatively close to the discursive construction process, such as the projection of the subject in the virtual circuit of communication, so that the distinction between them lies in the emphasis given, for each one, to the constitutive mechanisms of the manifestation of the members of the discourse.

Keywords: Imaginary formation. Discursive *ethos*. Discourse Analysis.

¹ Douto em Linguística (UFSCar) e professor nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras na universidade federal do Tocantins (UFT)..

Considerações iniciais

Desde sua fundação, a Análise do discurso vem passando por uma série de reformulações em seu aparato teórico-metodológico. Tal capacidade plástica refere-se ao efetivo exercício tanto da autocrítica quanto da polissemia epistemológica, ambas derivadas da multiplicidade de objetos investigativos e de seus variados campos de conhecimentos associados. Esse fato ratifica a tese, sobre o funcionamento interno da Análise do discurso assemelhar-se ao conceito de “acontecimento”, de Soares (2020) de que “é a acontecimentalização da Análise do discurso e, conseqüentemente, sua atualização que lhe permitiu ganhar importância e, inclusive, tornar-se vasta e não perder relevância como outros projetos de seu mesmo período de emergência” (SOARES, 2020, p. 184-185). Desse mirante interpretativo, pode-se dizer que a Análise do discurso transforma-se em acontecimento, já que “Para a AD, pelo menos em suas práticas mais comuns de análise, um acontecimento seria considerado como tal na medida em que ensejasse sua retomada ou sua *repetição*” (POSSENTI, 2009, p. 125, *italico do autor*).

Nesse horizonte de reconfiguração, Pêcheux (2010a), em 1983, é um dos primeiros expoentes da Análise do discurso a revisitar as noções e seus aportes para empreender modificações. Ao demarcar as três épocas da teoria que auxiliara a fundar, Pêcheux propõe ter existido em um primeiro momento a ênfase na análise das condições de produção do discurso e na relação entre sentenças, explorando as formas como as estruturas sociais e institucionais que influenciam a produção e circulação de sentidos. Já em um segundo momento, Pêcheux destaca a emergência da noção de “interdiscurso”. De acordo com o autor, nesse instante, a análise do discurso passa a reconhecer que o discurso não é um produto isolado, mas é atravessado por outros discursos presentes no circuito social. De acordo com Pêcheux (2010a), nesse instante de desenvolvimento da Análise do discurso, é introduzido o conceito de “formação discursiva” para descrever os conjuntos de práticas discursivas que compartilham uma mesma lógica e são governados por regras específicas.

Em um terceiro momento, segundo Pêcheux (2010a), a Análise do discurso é caracterizada pela introdução da teoria do sujeito. Nessa fase, a considera-se que o sujeito não é uma entidade individual, mas uma posição construída discursivamente a partir de diversos mecanismos que permeiam determinados discursos e influenciam a forma como os sujeitos constituem-se e relacionam-se por meio do discurso. Diante dessa atitude perceptiva, invocada na síntese das três fases de constituição da Análise do discurso, acerca das próprias

reformulações e incorporações de noções e conceitos, é possível afirmar que uma das características dessa teoria interpretativa dos processos de comunicação é justamente uma permeabilidade de áreas do saber humano cujo reflexo dá-se em novos arranjos de sua arquitetura conjuntural. Desse modo, ela figura, em tempos e em espaços de atuação, repleta da mesma verve de seu momento inaugural, ratificando sua acontecimentalização (SOARES, 2020).

Como é perceptível pelo que foi dito, a Análise do discurso não possui apenas três fases ou épocas, mas, além dessas, possui vertentes e novas tendências que lhe conferem tanto alta variabilidade de possíveis objetos de exame quanto uma reestruturação de seus instrumentos operacionais de análise, como é o caso da formação imaginária e o *ethos* discursivo. Tanto a primeira quanto a segunda são empregadas em um conjunto extenso de análises, demonstrando, cada uma a sua maneira, enorme potencial heurístico. Haja vista o objetivo deste artigo de tratar comparativamente ambas as noções, formação imaginária e *ethos* discursivo, sob a ótica da transformação interna de como certos princípios da linguagem são concebidos e de como determinações históricas remodelam teorias, em função da organização arquitetônica deste texto, tem-se a próxima seção, **Formação imaginária e *ethos* discursivo: uma discussão**, que aborda, a partir de determinados instrumentais epistemológicos, as semelhanças e diferenças entre essas duas noções.

Formação imaginária e *ethos* discursivo: aproximações e distanciamentos

É fundamental destacar as noções de formação imaginária e *ethos* discursivo e, principalmente, de onde são extraídas para que não haja dúvida quanto ao direcionamento dado a elas, mesmo que ambas sejam empregadas em textos de análise do discurso. O *ethos* e a formação imaginária possuem origens distintas, o primeiro adveio da retórica, a segunda da psicanálise, entretanto, estão intimamente relacionados com a projeção do sujeito no espaço social por meio da linguagem. Para explicitar o funcionamento de cada um desses conceitos operacionais para a Análise do discurso, cabe aqui a realização de um breve recenseamento dos principais fundamentos sobre os quais estão assentados tanto a formação imaginária quanto o *ethos* discursivo, contudo, faz-se necessário, antes de qualquer nova explicação, a determinação do campo no qual tais noções ganham uma atualização, o discurso.

Para fugir ao senso comum e às idealizações, muitas vezes herméticas, pode-se afirmar que o discurso, para a Análise do discurso, é uma abordagem teórica e metodológica que busca compreender como o poder manifesta-se em pleno exercício através da linguagem. Assim, o discurso é considerado uma prática social dinâmica, não apenas como uma expressão individual, exprimindo ideologias, relações de sociais, identidades e estruturas de dominação, de modo que examiná-lo significa descrever e interpretar como é construído, reproduzido e contestado através da linguagem em seu funcionamento coletivo. Como é possível notar, o discurso, de seu mirante teórico específico, é, em boa medida, o próprio funcionamento do circuito social ao passo que a comunicação é, tal como abordada adiante, uma simplificação “didática” do processo discursivo de produção de sentidos.

De acordo com Soares (2018), “A comunicação humana é uma constelação complexa de fatores cuja fórmula aristotélica, “o homem é um animal político”, contida na obra Política, pode sintetizar” (SOARES, 2018, p. 13, aspas do autor). Para além dessa compreensão antropológica, é preciso voltar-se aos traços profundamente pertinentes à comunicação delineados pela conceituação de Mattoso Câmara (2004) como “Intercâmbio mental entre os homens feito por meio da linguagem” (CÂMARA JR, 2004, p. 77). Dubois et al. (2006) afirmam ser a comunicação “a troca verbal entre um falante, que produz um enunciado destinado a outro falante, o interlocutor, de quem ele solicita a escuta e/ou uma resposta explícita ou implícita (segundo o tipo de enunciado)” (DUBOIS et al. 2006, p. 129). Dubois et al. (2006) ainda ratifica: “A comunicação é intersubjetiva. No plano psicolinguístico, é o processo em cujo decurso a significação que um locutor associa aos sons é a mesma que a que o ouvinte associa a esses mesmos sons” (DUBOIS et al. 2006, p. 129).

Jakobson (2010) estipulou, a partir da teoria da comunicação de Karl Buhler, seis fatores constitutivos do processo de comunicação e os associou às performances desempenhadas pela linguagem. Os elementos da comunicação, portanto, são: **emissor**: quem produz a mensagem; **mensagem**: conteúdos ou sentidos; **receptor**: quem recebe a mensagem; **canal**: via para o envio da mensagem, podendo ser falada, ser escrita, imagética ou até híbrida; **código**: a língua (via de regra, o idioma), porém, a depender das condições da comunicação, pode ser: gestual ou outras convenções produtoras de sentidos (como os códigos do telégrafo, o código Morse); e **contexto**: a realidade empírica na qual a comunicação ocorre.

Como é possível perceber, a comunicação quando pensada sob o prisma dos elementos, emissor, mensagem, receptor, canal, código e contexto, estrutura a produção e compreensão dos sentidos de tal maneira que parece um processo mecânico. É verdade que

tais constituintes participam do ato comunicacional, entretanto, de acordo com os postulados da Análise do discurso, não existe a pretensa linearidade planificada dos constituintes da comunicação, antes há uma série de ruídos e de atravessamentos na interação entre os sujeitos que também (re)produz sentidos e, por conseguinte, devem ser interpretados. Em franca oposição a essa perspectiva, Pêcheux define discurso como “[...] efeito de sentido entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 2010b, p. 81), justamente porque opõe-se ao “chapado esquema da informação derivado dos trabalhos de Jakobson segundo o qual um emissor produz uma mensagem X e a envia a um receptor que, por sua vez, recebe o mesmo X enviado” (SOARES, 2020, p. 175).

Diante da sintética exposição sobre a comunicação e algumas de suas definições, pode-se afirmar que a compreensão dos estudos discursivos, em especial da Análise do discurso, leva em consideração a profícua relação entre os procedimentos comunicacionais e as estruturas sobre as quais o circuito social está edificado e, por conseguinte, desenvolve seu próprio “ferramental” analítico do qual fazem parte tanto a formação imaginária quanto o ethos discursivo. A formação imaginária é um termo utilizado na teoria social e cultural, especialmente associado aos trabalhos de Freud e Lacan. Grosso modo, eles usaram esse conceito para referir-se à maneira como os indivíduos constroem sua compreensão do mundo através de símbolos e imagens compartilhadas em uma cultura ou sociedade. Nesse direcionamento, a formação imaginária envolve a construção de identidades, desejos e percepções por meio de representações simbólicas, como mitos, narrativas, imagens e ideologias (SOARES, 2022). Essas representações simbólicas moldam as visões de mundo dos indivíduos e influenciam a forma como eles se relacionam com os outros e com a realidade ao seu redor.

Quando a formação imaginária é incorporada à Análise do discurso, parte de sua utilização em outras áreas é mantida, como é possível verificar, já que é, de acordo com Soares (2020), “A partir da formação imaginária, surge o que Pêcheux chama de antecipação. Uma espécie de cálculo segundo o qual a formação imaginária é capaz de reconhecer o seu espelho” (SOARES, 2020, p. 176). Em outros termos, um determinado posicionamento argumentativo gera seu contrário, em um efeito dialético, praticamente toda vez de seu proferimento. Desse modo, como afirma Soares (2020), “as formações imaginárias podem servir de antecipação do projeto enunciativo posto em marcha no discurso” (SOARES, 2020, p. 176). Todavia, cabe aqui a ressalva acerca do momento de inserção da formação imaginária na Análise do discurso, porquanto, como Pêcheux (2010a) mesmo considera, tratava-se de uma fase na qual essa teoria interpretativa dos processos de comunicação voltava-se,

sobretudo, às condições de produção e à vinculação que essas possuíam com a elaboração de rede de sentenças. Abaixo, encontra-se um quadro desenvolvido por Pêcheux (2010b) para demonstrar o funcionamento da formação imaginária, que, por sua vez, sempre pressupõe outras e, por isso, está no plural quando de sua utilização interpretativa.

Figura 1: Formações Imaginárias.

EXPRESSÃO QUE DESIGNA AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS	SIGNIFICAÇÃO DA EXPRESSÃO	QUESTÃO IMPLÍCITA CUJA “RESPOSTA” SUBENTENDE A FORMAÇÃO IMAGINÁRIA CORRESPONDENTE
A { I _A (A) I _A (B)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B { I _B (B) I _B (A)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”

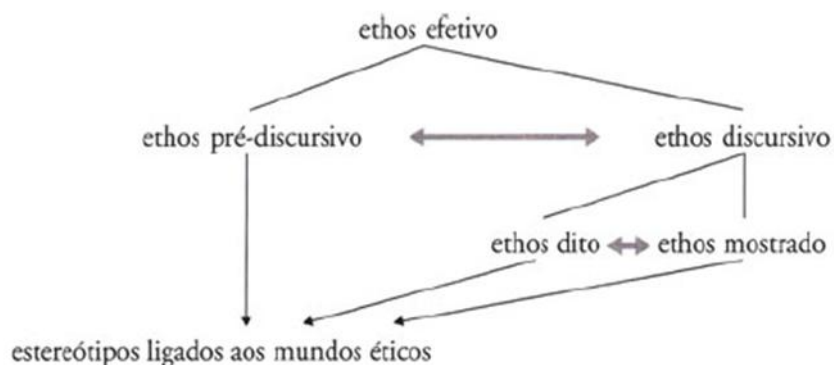
Fonte: Pêcheux (2010b, p. 82).

Acima, há um desenho de parte do funcionamento do discurso no qual os pontos A e B, os interlocutores, projetam as respectivas imagens dos lugares ocupados por cada um em relação ao outro e por cada outro em relação a si em uma dada interação. Desse modo, a significação da expressão, no quadro desenvolvido por Pêcheux (2010b), remete à descrição dos variados lugares assumidos pelos participantes do processo comunicativo que, por sua vez, desencadeia, como apontado na última coluna, a formação imaginária correspondente à questão “quem é” minifesta como imagem pelo espelhamento dos pontos A e B. Segundo tal perspectiva, Soares (2018) declara que “As formações imaginárias são imagens que cada um dos participantes de uma interação verbal faz de si e do outro na projeção de tais imagens como efeitos no discurso” (SOARES, 2018, p. 116). A consequência prática da operação das formações imaginárias dá-se, por exemplo, ao aluno escrever um trabalho de conclusão de curso, pois ele precisa trazer para seu texto os conhecimentos adquiridos ao longo de seu curso. Essa é uma formação imaginária que um professor avaliador tem de seu aluno, respondendo a ela, o professor terá de fazer as correções necessárias no texto. O aluno, a seu turno, de posse da imagem do professor corretor, tentará não incorrer em inadequações para satisfazer a imagem referente ao professor, ao mesmo tempo que o responsável pela avaliação faz a manutenção de sua própria imagem de corretor ao desempenhar tal atividade. Assim, como é possível perceber, o jogo de espelhos, desempenhado pelas formações imaginárias, discursiviza tanto os papéis sociais quanto a função que esses exercem no circuito coletivo.

Diante dessa exposição, pode-se dizer que as formações imaginárias operam de maneira a modelar as representações dos envolvidos no processo comunicacional e, por conseguinte, estruturam os discursos que circulam na sociedade. Em outros termos, elas fornecem quadros de referência e sistemas de significação que impactam os procedimentos por meios dos quais os sujeitos percebem e interpretam a realidade. Nessa toada, a teorização das formações imaginárias enfatizava, como foi possível perceber, que essa noção não se refere meramente a ideias abstratas, mas ao conjunto de imagens enraizadas nas estruturas sociais e nas relações de poder. No interior da Análise do Discurso, principalmente na chamada primeira fase (PÊCHEUX, 2010a), as formações imaginárias são consideradas como parte integrante das práticas discursivas e são examinadas em relação às condições históricas e ideológicas nas quais emergem. Portanto, o estudo das formações imaginárias em situações concretas permite compreender como as ideologias são construídas, disseminadas e internalizadas pelos sujeitos, de modo a influenciar suas percepções e ações no circuito social no qual se encontram.

De natureza relativamente semelhante à formação imaginária, o ethos discursivo, como um constructo conceitual e instrumento de análise de processos envolvidos na produção de sentidos, volta-se para o interlocutor. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2008), ethos é o “Termo emprestado da retórica antiga e designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer influência sobre seu alocutário” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 220). Os autores declaram ademais que “ele [ethos] não se manifesta somente como um papel e um estatuto, ele se deixa apreender também como uma voz e um corpo. O ethos se traduz também no tom, que se relaciona tanto ao escrito quanto ao falado (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 220).

O “ethos discursivo” está, então, relacionado à ética e ao caráter de um sujeito, ou melhor, a projeção de uma ética e um caráter no discurso. Desse modo, o ethos refere-se à imagem ou à identidade que um falante constrói de si mesmo através de suas palavras, estilo de fala, argumentação e estratégias retóricas e demais processos comunicacionais envolvidos. Nesse horizonte de produção de imagem, pode-se afirmar que o ethos discursivo está intimamente vinculado à credibilidade, à confiança e à autoridade percebidas em um falante, e, por isso mesmo, influencia a persuasão e a eficácia de seu discurso. Segundo Maingueneau (2008a), um ethos discursivo bem estabelecido pode aumentar as chances de persuasão de um orador e, conseqüentemente, expandir a probabilidade de seu discurso ser aceito pelo público. Para ilustrar o funcionamento do ethos discursivo e seus elementos integrantes, tem-se abaixo um esquema desenvolvido por Maingueneau (2008a).

Figura 2: Ethos discursivo.

Fonte: Maingueneau (2008a, p. 25).

É possível perceber através da figura acima a composição do ethos discursivo como dependente de fatores externos e internos aos processos comunicacionais imediatos. Nesse direcionamento, tem-se os seguintes itens na formatação dessa noção: ethos pré-discursivo, ethos discursivo, ethos dito, ethos mostrado e os estereótipos circulantes na sociedade. O ethos pré-discursivo, trata-se, conforme Maingueneau (2008a), da projeção de si que o enunciador realiza ao imaginar a imagem prévia que o público faz dele. Já o ethos discursivo (MAINGUENEAU, 2008a) está ligado à fala do enunciador na construção da imagem de si apresentada no dizer. Por sua vez, de acordo com Maingueneau (2008a), o ethos dito é o que o enunciador fala propriamente de si, o que ele deseja que seja visto. Em contrapartida, o ethos mostrado é aquilo, que apesar de não dizer, o enunciador mostra, seja com seus atos, gestos, escolhas lexicais, tom etc. Por fim, o ethos efetivo, volta-se para a percepção do resultado das diversas interações entre essas quatro instâncias interligadas na arquitetura do ethos.

Para exemplificar ethos pré-discursivo, tem-se a seguinte fala de uma servidora da UFPB: “Na época em que trabalhei na coordenação e departamento de curso, sentia que alguns docentes achavam que a gente (técnico) era secretaria particular deles, mas sempre deixei claro quais eram minhas obrigações” (SILVA, 2021, p. 34). Ilustrando o ethos discursivo: “Interessante perceber a percepção que os docentes têm com relação aos técnicos administrativos de que estão ali para atender suas necessidades e pronto, mas como um setor de análise e aprovação de solicitações sempre impusemos o legal” (SILVA, 2021, p. 34). Para demonstrar o ethos dito, segue o enunciado proferido pela mesma funcionária: “Sempre respondo que quero ser docente da UFPB, mas não vou fazer qualquer concurso, vou fazer

para o que eu gosto, até porque já tenho estabilidade e amo o que faço. Além disso, continuo ensinando em instituições privadas internas” (SILVA, 2021, p. 34). Para desempenhar a ilustração textual do ethos mostrado, tem-se o dizer: “Os docentes já me veem de maneira diferente, como possível docente da UFPB e realmente pretendo fazer concurso para ser professora da UFPB, mas, enquanto isso, continuo desempenhando da melhor maneira possível o meu papel de técnica” (SILVA, 2021, p. 34-35).

Em face da exposição acima das falas da servidora universitária, é possível enunciar, de acordo com Maingueneau (2008a), a construção do ethos efetivo de credibilidade e confiança, porquanto retrata a técnica como alguém tanto competente e capaz de desempenhar suas funções adequadamente quanto uma pessoa segura de suas atribuições e de seu papel no circuito coletivo no qual se encontra. Nessa toada, conforme a descrição do ethos e de seus componentes, tem-se a linearização da teoria que, inicialmente emerge na retórica antiga e é transformada nos estudos do funcionamento dinâmico do discurso, possibilita a compreensão da instrumentalização da noção no interior de pesquisas desenvolvidas sob a égide da Análise do discurso. E, diante desse recenciamento tanto da formação imaginária quanto do ethos discursivo, eis que se apresenta o ensejo de cotejar, ou pelo menos de fazer aproximações e distanciamentos qualificados, tais noções. Todavia, esse empreendimento carece, para o alcance de seu objetivo, da elucidação dos três princípios praxiológicos da linguagem segundo Charaudeau (2017), a saber: princípio de alteridade; princípio de influência; e princípio de regulação.

O princípio de alteridade, de acordo com Charaudeau (2017), está fundamentado no entendimento de que as práticas discursivas são espaços de interação social em que diferentes sujeitos e perspectivas estão envolvidos. Nesse horizonte, tal princípio desafia a ideia de que o discurso é uma expressão unicamente individual e subjetiva, enfatizando que as vozes e os posicionamentos de outros sujeitos também estão presentes, inoculados em praticamente todos os atos de linguagem. Em outras palavras, o princípio de alteridade do uso da linguagem pressupõe o outro sujeito no interior do circuito interlocutivo que, por sua vez, engendra o princípio de influência, sendo esse, em tese, uma necessidade de praticamente todos os processos comunicacionais, porquanto exercer influência é colocar a linguagem em marcha. Derivado desse princípio, encontram-se o uso de estratégias retóricas, argumentos “convincentes”, recursos e técnicas de convencimento para influenciar atitudes, crenças e comportamentos dos receptores.

Já o princípio da regulação opera como uma síntese dos anteriores, pois desempenha o papel de censor para que o objetivo comunicacional seja obtido. Logo, o princípio de

regulação, em conformidade com Charaudeau (2017), envolve a compreensão de mecanismos de controle social presentes no discurso, como a censura, a exclusão de vozes dissidentes ou a promoção de estereótipos e preconceitos, entre outros. No direcionamento dos princípios axiológicos da linguagem (CHARAUDEAU, 2017), há a configuração de entrada para a aplicação das noções de formação imaginária e ethos, “Assim pode-se dizer que todo ato de linguagem está ligado à ação mediante as relações de força que os sujeitos mantêm entre si, relações de força que constroem simultaneamente o vínculo social” (CHARAUDEAU, 2017, p. 17), bem como as formações imaginárias e o ethos discursivo estruturam os processos discursivos. Tanto uma quanto o outro são regidos pelos mesmos princípios, de alteridade; de influência; e de regulação.

As formações imaginárias e o ethos discursivo participam, cada qual a partir de expedientes descritivos próprios e relativamente semelhantes, da realização dos princípios mencionados acima, de tal modo que é possível afirmar que ambos pertencem à mesma raiz, ou seja, derivam do funcionamento praxiológico orgânico da linguagem. Enquanto as formações imaginárias estão relacionadas às construções simbólicas – inconscientes, porque não são pensadas ou refletidas na imediatez do momento de suas construções – presentes no discurso, o ethos discursivo diz respeito à imagem e à posição assumida pelo sujeito falante no ato de fala. À medida que as formações imaginárias possuem uma dimensão mais ampla e relacionada à ideologia e ao inconsciente, como é possível perceber, o ethos discursivo é mais específico e concernente à construção da identidade discursiva do sujeito. Ambos os conceitos são abarcados por matrizes epistemológicas que recortam a análise do discurso segundo determinadas perspectivas de ocorrência de fenômenos discursivos.

Diferentemente do ethos discursivo que, grosso modo, demanda cenas da enunciação (MAINGUENEAU, 2008b), as formações imaginárias reclamam as condições de produção referentes aos elementos contextuais, sociopolíticos, históricos e culturais que influenciam a produção e a interpretação dos discursos circulantes na sociedade. Em virtude dessa concepção acerca do funcionamento historizado nas práticas de linguagem, as formações imaginárias modelam, segundo essa ótica, as escolhas linguísticas, as estratégias discursivas e os significados construídos pelos agentes do fazer discursivo, fornecendo a conjuntura para o exame tanto dos sentidos quanto dos sujeitos no interior do circuito coletivo, já que, como Orlandi (2012) elucida a ligação entre esses dois integrantes do discurso, “sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo” (ORLANDI, 2012, p. 47).

Já as cenas da enunciação, na quais frequentemente o ethos discursivo é interpretado, para usar o termo empregado por Charaudeau (2017), teatralizam a vida em sociedade através

das várias modalidades de textos (MAINGUENEAU, 2008b). As cenas da enunciação são, de acordo com Maingueneau (2008b), o contexto discursivo no qual um ato de enunciação ocorre. Nessa configuração, elas abrangem o espaço institucional, o espaço discursivo e o espaço de interação física, e, conseqüentemente, desempenham um papel fundamental na produção, interpretação de efeitos do discurso. Portanto, o ethos, como pode-se entender, é localizado em cenas imediatas à comunicação, ao contrário, as formações imaginárias não se limitam ao momento de sua produção, mas retomam a historicidade presente nas próprias relações envolvidas nos processos discursivos. Ora, se ambas as noções partem dos três princípios praxiológicos da linguagem (CHARAUDEAU, 2017), alteridade, influência e regulação, qual a efetiva distinção entre elas?

Para além da indumentaria investida em cada uma das noções realizar significativas alterações na performance interpretativa que cada uma possui, é relevante destacar que existe um pressuposto epistêmico discrepante, subjacente à arquitetura tanto das formações imaginárias quanto do ethos discursivo, capaz de solver quaisquer dúvidas acerca do objetivo de cada um desses operadores de análise. A saber, tal item da lógica de funcionamento interno desses conceitos, que os distingue, reside, principalmente, nas causas imediatas, para a construção do ethos discursivo, e, especialmente, nas causas antecedentes (em âmbito histórico) de constituição das formações imaginárias. Sendo ambos instrumentais perceptivos e investigativos cujo alcance desdobra a projeção dos sujeitos no discurso, cada qual focaliza, a partir de sua matriz teórica e metodológica – delineada sob a égide do materialismo praxiológico da comunicação –, ora as causas imediatas, em processo de descrição do ethos, ora as causas antecedentes, em processo de descrição das formações imaginárias.

Como crítica, é dito sobre as formações imaginárias que existe um psicologismo interpretacionista na projeção dos sujeitos no discurso, porém, ignora-se que o psicologismo está justamente na fundação dos três princípios praxiológicos da linguagem (CHARAUDEAU, 2017), não em sua aplicação metodológica, pois as formações imaginárias, como delineadas no interior da Análise do discurso por Pêcheux (2010b) estão subordinadas, em última instância, aos desdobramentos dos princípios da alteridade, da influência e da regulação, como foi possível identificar. Ainda que esse apontamento tenha sido considerado por Pêcheux (2010a) e muitos de seus colaboradores, o ethos parece reavivar as formações discursivo. Entretanto, o mesmo julgamento voltado ao ethos discursivo, revestido do psicologismo inerente ao funcionamento dos princípios praxiológicos, não obstrui o emprego do conceito, pois Maingueneau (2013) afirma a esse

respeito: “De fato, a noção tradicional de ethos recobre não somente a dimensão vocal, mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas atribuídas pelas representações coletivas à personagem do orador” (MAINGUENEAU, 2013, p. 108).

Portanto, pode-se afirmar que as formações imaginárias e o ethos discursivo compõem fases, com objetivos dessemelhantes, da Análise do discurso que sempre observaram a projeção dos sujeitos no discurso. Possivelmente, por conta da origem da primeira noção, foi considerada, por muitos, um modelo passivo de expressão subjetiva dos envolvidos no processo de comunicação, ao contrário, a segunda, pelo que foi visto, parece trazer maior atuação na construção dos mecanismos de manifestação do sujeito no discurso. Por fim, enquanto as formações imaginárias possuem uma dimensão mais ampla de operação relacionada à ideologia, o ethos discursivo é mais específico, dramatizando a construção da identidade discursiva do sujeito. Ambos os conceitos, como foi verificado aqui, possuem uma simbiótica associação no interior da Análise do discurso, mas abordam aspectos diferentes do fenômeno discursivo.

Considerações finais

Com o objetivo central de tratar comparativamente as noções de formação imaginária e de ethos discursivo, sob a ótica da transformação interna de como certos princípios da linguagem são concebidos a ponto de alterar o funcionamento conceitual desses operadores analíticos e de como determinações históricas remodelam-nos, verificou-se que ambas destacam, segundo seus respectivos aportes epistêmicos, elementos integrantes do processo de construção discursivo relativamente próximos, como a projeção do sujeito no circuito virtual de comunicação. Porém a distinção entre elas, como foi possível identificar, reside na ênfase dada, por cada uma, aos mecanismos constitutivos da manifestação dos integrantes do discurso, uma vez que as causas imediatas, ao momento de produção discursivo, constituem para a construção do ethos discursivo a realização dos atributos do sujeito, diferentemente das causas antecedentes (em âmbito histórico) de constituição das formações imaginárias que pressupõem relações de poder e suas estruturas sintagmatizadas no uso da língua(gem).

Em vista da operação analítica possibilitada por cada uma das noções abordadas neste artigo, foi constatado que, mesmo diante da crítica de psicologismo sofrida por ambas, há um laço simbiótico, advindo dos três princípios praxiológicos da linguagem (CHARAUDEAU, 2017) – princípio de alteridade, princípio de influência, e princípio de

regulação – entre elas que assenta o edifício no qual estão estruturadas. Além disso, mas sem deixar de lado essa observação, testemunhou-se a perspectiva de eficácia do emprego das formações imaginárias e do ethos discursivo em um mesmo objeto de análise, porquanto as diferenças percebidas entre tais operadores de exame discursivo não apenas permitem, como também demonstram certa permeabilidade orgânica entre seus aparatos de investigação das projeções do sujeito no discurso, guardadas as devidas relações entre seus pressupostos teóricos. Nesse horizonte complementar, a relação prática desses conceitos, pode ser tomada como parte da acontecimentalização da Análise do discurso (SOARES, 2020).

Feitas essas considerações acerca do resultado encontrado neste esquadrinhamento, é possível afirmar que este artigo contribui, de maneira adjacente a seu objetivo, para a valorização informativa tanto das formações imaginárias quanto do ethos discursivo, bem como da própria exposição didática da Análise do discurso através de dois conceitos relevantes de seu arcabouço perscrutador. Nessa configuração elucidativa, ao voltar-se à preocupação do ensino e transmissão da Análise do discurso e, conseqüentemente, de elementos de seu ferramental de trabalho, como as formações imaginárias e o ethos discursivo, este artigo ratifica o compromisso de desenhar as formas mais nítidas e preenchê-las com os conteúdos mais adequado às demandas daqueles que necessitam e desejam aprender os princípios e procedimentos capazes de permitir a análise da arquitetura dos mecanismos discursivos de (re)produção de sentidos no interior do circuito social.

Referências

- CÂMARA. Joaquim Mattoso Júnior. **Dicionário de linguística e Gramática**. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Trad. Dilson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2 ed. Trad. Fabiana Komesu et. al. São Paulo: Contexto, 2008.
- DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de linguística**. Trad. Izidoro Blikstein. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. A noção de ethos discursivo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 11-32.

- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008b.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza e Silva; Décio Rocha. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. A Análise de discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Jonas de A. Romualdo. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010a. p. 307-315.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010b. p. 75-116.
- POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SILVA, Kátia Regina Gomes da. **Cenografia e a constituição do ethos discursivo**: uma análise em práticas discursivas de técnicos e docentes, na universidade federal da paraíba. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2021.
- SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso linguístico**: Conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- SOARES, Thiago Barbosa. 1969, o ano que não terminou: o acontecimento da Análise do discurso. In: BUTTURI JUNIOR, Atilio; BRAGA, Sandro; SOARES, Thiago Barbosa (orgs.). **No campo discursivo**: teoria e análise. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso Discursivo**: heterogeneidades epistemológicas aplicadas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.